



## “Somos o que comemos!”: Uma reflexão da política de cuidado ecofeminista plasmada na prática da agroecologia

*“We are what we eat!”: A reflection on the politics of ecofeminist care as embodied in the practice of agroecology*

Luísa de Pinho Valle <sup>a</sup> 

**RESUMO:** Objetivo compartilhar uma reflexão sobre a política de cuidado ecofeminista presente na produção alimentar agroecológica. Esta análise é desenvolvida a partir de uma hermenêutica ecofeminista. Parto da revisão de literatura, interdisciplinar e pluriépistemológica, que enfrenta os valores andro-antropocêntricos que constituem a base do capitalismo-financeiro global. Este sistema econômico, que perpetua lógicas de poder, sociopolítico e econômico, originadas no sistema patriarcal e na ideologia colonial, está a levar-nos à destruição irreversível na escala planetária. Conhecimentos e práticas ecofeministas abrem possibilidades para a sociedade humana reconectar sua natureza terrestre e, conseqüentemente, romper com a economia de morte presente no mundo em nossos dias. Escolho direcionar minha leitura para uma política de cuidado relacional com a comida. Isto porque verifico as interconexões existentes e as transformações possíveis que o alimento proporciona à realização de uma economia da vida, contrariando a fatalidade que ameaça a comunidade Terra.

**Palavras-chave:** Comida; Política de cuidado; Ecofeminismos; Agroecologia.

**ABSTRACT:** I aim to share a reflection on the ecofeminist politics of care present in agroecological food production. This analysis is developed from an ecofeminist hermeneutics. I start from an interdisciplinary and pluri-epistemological literature review which challenges the andro-anthropocentric values that constitute the basis of global financial-capitalism. This economic system, which perpetuates logics of socio-political and economic power stemming from the patriarchal system and colonial ideology, is leading to irreversible destruction on a planetary scale. Ecofeminist knowledges and practices open possibilities for human society to reconnect with its earthly nature and consequently break with the economy of death present in the world today. I choose to direct my reading towards a politics of relational care with food inasmuch as I perceive the existing interconnections and the possible transformations that food provides for the realization of an economy of life, countering the fatality that threatens the Earth community.

**Keywords:** Food; Care of politics; Ecofeminisms; Agroecology.

---

<sup>a</sup> Programa Democracia no Século XXI, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

\* Correspondência para/Correspondence to: Luísa de Pinho Valle. E-mail: luisavalle@ces.uc.pt.

Recebido em/Received: 03/02/2022; Aprovado em/Approved: 16/03/2022.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

## INTRODUÇÃO

“Western civilisation faces a profound crisis in its relationship to nature, a crisis which demands much rethinking, but specially that we rethink the way in which our human identity has been framed in the West as outside and independent of the nature world.”<sup>1</sup> (Plumwood, 1990, p. 3).

Onde e quando teve início a ruptura relacional entre humanas/os e o que se convencionou chamar de natureza? Em linha com Jason Moore (2017), a comunidade científica e a popular, confortavelmente, (em que pese o desconforto no qual (sobre)vivemos em nossos dias), responde que se origina no Antropoceno<sup>2</sup> (2017, p. 1-2). No entanto, faço coro com Val Plumwood (1990) e sublinho: precisamos repensar como uma identidade humana foi forjada nos valores andro-antropocêntricos do sistema colonial-capitalista moderno ocidental, que hoje culmina no *eco-apartheid* planetário (Shiva 2013, p. 3-7).

Primeiramente, compreendo que o *androcentrismo* representa uma visão do mundo e da economia em que a medida de todas as coisas é um determinado modelo de masculinidade, pois *andros* – do grego antigo – designa a versão masculina dos seres humanos. *Antropos*, por sua vez, designa “Homem”, no sentido de Humanidade. Além do claro sexismo implícito, já que a Humanidade é designada pelo substantivo masculino, antropocentrismo significa que a visão sobre o mundo e a economia tem esse Homem-Humanidade no seu centro como medida para todas as duas coisas (Cunha, Valle 2022). Isso significa recusar a ideia de que a Humanidade faz parte de um sistema mais abrangente onde a pluriversidade de espécies, inclusive a humana, são interdependentes. Antropocentrismo é, pois, uma forma de qualificar um modelo de desenvolvimento socioeconômico que reduz a natureza e os seres não-humanos a meros recursos exploráveis.

---

<sup>1</sup> Tradução livre da autora (T.L.A.): *A civilização ocidental enfrenta uma profunda crise na sua relação com a natureza, uma crise que exige muito repensar, mas principalmente que repensemos a maneira como nossa identidade humana foi estruturada no Ocidente como externa e independente do mundo natural.*

<sup>2</sup> Historicamente, remonta ao contexto da Segunda Grande Guerra (século XX), o antecedente à nomeação de Antropoceno, para a nossa atual era geológica e consequente crise biofísica do planeta. Vladimir Vernadsky, geoquímico e mineralogista russo (1863-1945), num ensaio publicado originalmente em 1943, atribuiu à humanidade uma *poderosa força geológica* (Vernadsky, 2007, p. 187-189). Mas é na década de oitenta (século XX) que o termo Antropoceno parece ter sido cunhado pelo ecólogo norte-americano Eugene Stoermer (Haraway, 2019, p. 79-80). E somente nos anos 2000, o conceito avança à popularidade e estudos científicos (Crutzen & Stoermer, 2000, p.17-18), após o químico holandês Paul Crutzen, especialista em química atmosférica, postular que as atividades humanas já tinham sido de tal tipo e magnitude que mereciam o uso de um novo termo geológico para uma nova era planetária (Valle, 2017, p. 30). Todavia, o conceito suscita controvérsias e análises propositivas que abraçam outras categorias estranhas à exclusividade do pensamento, valor e ideologia centrados no Homem-Humanidade, ou seja, como parâmetro único, modelo absoluto e medida para todas as criaturas. Para aprofundar o tema ver entre outras/os: Malm, Hornborg, (2014); Moore (2017); Haraway (2015, 2019); LaDanta LasCanta (2017); Giuliani (2021).

De igual maneira, verifico que vivemos em um sistema-mundo<sup>3</sup> onde a economia-mundo capitalista (Wallerstein 2004, p. 1) insiste, sistematicamente, na arrogante e violenta perseguição de engenhosidades totalitárias e universais (Cunha, 2015, p. 17-18; Cunha, Valle, 2022). Considero assim que, o capitalismo é *uma modalidade específica de organização social e econômica* (Andreucci, McDonough, 2018, p. 112), originada na empreitada colonial hispano-portuguesa há mais de cinco séculos, sobre as terras e os povos localizados nas nomeadas Américas (Amin, 2004, p. 7; Quijano, Wallerstein, 1992, p. 583-584). Em linha com Samir Amin (2004), o *apartheid* em escala global, experimentado na fase extrema do capitalismo atual, qual seja, o neoliberalismo, remonta à história da expansão imperialista europeia para a dominação do planeta. Esta empreitada, tardiamente, foi reeditada pelos herdeiros europeus, já naturalizados como norte-americanos (Amin, 2004, p. 7).

Neste sentido, a natureza é subjugada de acordo com o interesse do sistema financeiro-econômico, que no seu extremo neoliberal, impõe a centralidade da economia nas corporações e instituições dominantes, sendo essas construídas sobre os pilares do patriarcado colonial capitalismo moderno, explica Shiva (2013). Nesta sequência, o sistema da política econômica global prospera no *eco-apartheid*, no qual – elucida Vandana Shiva (2013) – o dualismo cartesiano sobre a compreensão das relações humanas com e para a natureza há muito abandonou o legado antropocêntrico para assumir ideologia *empresacêntrica*. A comunidade terrestre foi reduzida a humanas/os, e as corporações vêm então remodelando a humanidade em: humanidade-consumidora, dependente de seus produtos; e, humanidade-descartável. Consumidoras/es perdem sua identidade de criaturas da terra, cocriadoras/es e coprodutoras/es com a natureza. E as/os *descartáveis* perdem suas próprias vidas e meios de subsistência (Shiva, 2013, p. 18).

Importa então afirmar que, os valores andro-antropocêntricos que constituem a base do capitalismo-financeiro global perpetuam lógicas de poder, sociopolítico e econômico, originados na ideologia colonial. E essa formação ideológica colonial foi estruturada na cultura patriarcal, em expansão no continente europeu de finais do século XV (Federici, 2014, p. 78-80). Faz sentido, assim, ecoar a convicção de Lorena Cabnal (2010):

[...] el patriarcado es el sistema de todas las opresiones, todas las explotaciones, todas las violencias, y discriminaciones que vive toda la humanidad (mujeres, hombres y personas intersexuales) y la naturaleza, como un sistema históricamente construido sobre el cuerpo sexuado de las mujeres. (2010, p. 16).

---

<sup>3</sup> Assumo neste trabalho a definição de Wallerstein (1974), para quem o “(...) sistema mundo é um sistema social, um sistema que possui limites, estruturas, grupos associados, regras de legitimação e coerência. A sua vida é feita das forças em conflito que o mantém unido por tensão e o dilaceram na medida em que cada um dos grupos procura eternamente remodelá-lo a seu proveito. Tem as características de um organismo, na medida em que tem um tempo de vida durante o qual suas características mudam em alguns aspectos e permanecem estáveis noutros.” (1974, p. 337).

Uma vez compreendida a lógica e a prática do sistema / cultura patriarcal, (qual seja: dominação / violência), identificamo-las nas bases fundantes da crise multifacetada na qual chegamos em nossos dias (Lander, 2010; 2012). Nós, a comunidade humana e terráquea estamos sob a ameaça de extinção. E essa realidade não é um conto de ficção, como ressalta Donna Haraway (2015). Pois não só a espécie humana é finita e vulnerável, mas também o planeta. Para esmiuçar (um pouco) a presente afirmação, me alinho a Yayo Herrero (2020b) e elenco os nove limites planetários que estão a interferir e alterar os processos biofísicos da Terra: 1) mudança climática; 2) ritmo acelerado da extinção da biodiversidade; 3) ritmo acelerado da extinção dos ciclos de nitrogênio e fósforo; 4) a redução da camada de ozônio na estratosfera; 5) acidificação dos oceanos; 6) indisponibilidade de água doce, contaminações e desertificação dos aquíferos; 7) mudanças violentas no uso do solo; 8) contaminações atmosféricas pelo uso de aerossóis e 9) contaminações químicas pelo uso indiscriminado de plásticos, metais pesados, alteradores hormonais, resíduos radioativos etc.

Dentre os nove limites indicados, os quatro primeiros já excederam o que o planeta suportava. Hoje, nós humanas/os, não mais podemos contar com diversos recursos produzidos, milenarmente, por ecossistemas inteiros. Pelo contrário, além de não termos mais acesso a inúmeros bens e recursos, os ciclos naturais de geração e regeneração que eram presentes nos ecossistemas do planeta não ocorrem mais. Tudo em razão da proliferação do extrativismo em larga escala, da mineração indiscriminada, do uso e exploração de combustível fóssil descontrolado e da desertificação de biomas milenares. Além da desenfreada devastação de florestas para a pastagem animal e o monocultivo de alimentos geneticamente modificados (Valle, 2021a, p. 158-159).

A fim de contrariar esse cenário desolador no qual nos encontramos – nós, sociedade terrestre –, proponho compartilhar reflexão sobre uma política ecofeminista de cuidado com / para a vida, umbilicalmente ligada à prática da agroecologia presente em diversos territórios do planeta<sup>4</sup>. Isto porque, identifico no alimento a relação direta existente entre nós -humanas/os- e os demais elementos essenciais à manifestação da vida: ar, água, terra, fogo e éter (Shiva, 2017, 2021; Guhur; Silva, 2021). Reverbero a afirmação de Shiva (2021, p. 7) quando diz que o alimento é o fluxo que encarna nosso relacionamento com a terra: materialmente, biologicamente, nutricionalmente e ecologicamente. Assim, a teia da vida é uma teia alimentar tecida por Pachamama, Gaia, Gæa, Hvaniratha, Hutukara, Casa Comum... ou, Terra.

Práxis e epistemologias feministas vem desafiando a suposta neutralidade e objetividade das categorias científicas que conquista(ra)m posição de autoridade legitimada a definir o que é a ciência e o conhecimento válidos (Del Moral, 2012, p. 53). Em linha com Donna Haraway (1988), todas as narrativas ocidentais sobre objetividade são alegorias que regem as relações do que chamamos de mente e corpo, distanciamento e responsabilidade. A objetividade feminista reconhece e diz sobre a localização limitada e o conhecimento situado, não sobre transcendência e divisão de

---

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o movimento agroecológico em curso no mundo ver: Via Campesina, em <https://viacampesina.org/en/who-are-we/>.

sujeito e objeto (Haraway, 1988, p. 583). Isto não quer significar relativismos, mas sim aprender em nossos corpos, *dotados de cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos* (Haraway, 1988, p. 583-584). Desta forma, a objetividade se revela como algo corporificado, específico e particular; nunca como algo falseado pela visão imparcial, neutra ou amorfa.

Com esta compreensão, a presente análise pluriepistemológica desenvolvida a partir de uma hermenêutica ecofeminista contribui no fortalecimento crítico contra o que Carlos Cândido de Almeida e Rosa San Segundo Manuel (2021) identificaram na ideologia e projeto androcêntrico da *Big Science – uma verdadeira indústria instrumentalizadora do saber* (2021, p. 96). Assim, *para iniciar a separação e o afastamento desse lógica, a ciência da informação deve ser pensada dentro dos parâmetros levantados pelas epistemologias feministas* (Almeida, Manuel, 2021, p. 97).

Nesta perspectiva, o estudo que proponho é realizado por revisão pluriepistemológica / interdisciplinar desenvolvida nas bases dos pensamentos e práticas ecofeministas. Para tanto, divido minha análise em três momentos: no primeiro, apresento a agroecologia e uma política de cuidado ecofeminista para / com a vida. No segundo momento, analiso a relação direta entre o alimento e a coevolução humana e não-humana no meio da coprodução da vida. Para concluir, abro algumas considerações sobre as reflexões compartilhadas a fim de instigar à comunidade científica a aprofundar o diálogo com as epistemologias e práxis feministas comprometidas com uma transformação socioeconômica capaz de abraçar o bem viver equilibrado da Comunidade Terra.

## **A AGROECOLOGIA E UMA POLÍTICA DE CUIDADO ECOFEMINISTA**

A interdependência da vida –humana e não-humana– é a fonte comum firmada na pluralidade dos pensamentos ecofeministas (Valle, 2019). Explico, da confluência entre ecologia e feminismo, desde a década de 70 do século XX, os ecofeminismos suscitam projetos teóricos diversificados, mas que reconhecem em comum a finitude da vida e a interdependência entre todos os seres, humanos e não-humanos. Carolyn Merchant (1990) ao analisar a transformação do pensamento científico e a consequente construção social ocorridos na modernidade, em relação ao que se convencionou chamar de natureza –especificamente desde a agressividade do sistema capitalista-industrial do século XVII–, inspirou Vandana Shiva (1988) a aprofundar a crítica sobre o desenvolvimento tecnocientífico ocidental-contemporâneo. Além de expor que não existe um abismo ontológico entre seres humanos e natureza, pois a vida é indivisível, Shiva ressaltou que a globalização neoliberal reeditou a ordem do sistema capitalista-patriarcal-colonial com o endurecimento da miséria / fome no mundo, das práticas de exclusões-marginalizações raciais, da dominação-exploração sobre mulheres e natureza e do imperialismo monocultural. (Valle, 2021a, p. 148)

Em oposição a autoritária lógica deste sistema, compartilho com Christelle Terreblanche (2019) a compreensão de que uma política ecofeminista busca promover a emancipação humana por meio de economias solidárias regenerativas, desenvolvidas no compartilhar da vida cotidiana. Isto porque, identifica Shiva (2019), o paradigma do crescimento econômico ilimitado não considera a destruição da vida, natureza e sociedade. A violência está enraizada na ideologia neoliberal contemporânea, assim como foi a violência determinante à construção da base fundacional do sistema capitalista moderno. *As economias capitalistas-patriarcais são corporificadas pela guerra e pela violência; guerras contra a natureza e diversas culturas e a violência contra as mulheres*<sup>5</sup> (Shiva, 2019, p. 6).

Assim, instigar a com-formação dos vínculos que nos formam e nos constituem, como seres humanas/os em *relação com*, é a linha condutora da narrativa ecofeminista que proponho. Pois, em linha com Donna Haraway (2019, p. 158), compreendo que seja o que for que sejamos, nós – humanas/os –, precisamos gerar-com, tornarmo-nos-com, compor-com as/os confinadas/os na / da Terra. Desta nossa condição humana de contínua *relação-com*, do devir-com, direciono minha análise no produzir-com presente na prática agroecológica levada a cabo por mulheres, majoritariamente, em todo o mundo (Shiva, 2017, p. 167-169; FAO, 2014).

Com essa compreensão, esclareço que a agroecologia significa um processo de transformação socioeconômico e político focado não somente na produção, mas também na sustentabilidade ecológica do sistema de produção. A agroecologia é uma ciência para análise e avaliação dos agroecossistemas e sistemas alimentares, como também, simultaneamente, é uma proposta de práxis técnico-produtiva e sociopolítica em torno do manejo equilibrado – ecológico – dos recursos naturais (Sevilla Guzmán; Soler Montiel, 2009). A agroecologia, assim, defende uma agricultura equilibrada com o meio natural, por práticas de cooperação e respeito com as manifestações da vida – humana ou não – que participam da criação, gestão e produção dos alimentos. Em oposição à agricultura industrial, ao monocultivo de alimentos fabricados em laboratórios químicos que destroem / adoecem a vida das pessoas e do organismo planetário, a agroecologia promove justiça social e dignidade com / para a diversidade dos corpos que coabitam a Terra (Guhur; Silva, 2021).

Em que pese o atual estágio de violências múltiplas e simultaneamente em ação por todo o mundo, os movimentos de mulheres camponesas, agricultoras, quilombolas, indígenas, raizeiras, curandeiras, dentre outras, vêm nos ensinando outras formas de ser, fazer e realizar a vida em equilíbrio e harmonia com o meio natural e comunitário onde estão. Elas são ecologistas e economistas, a uma só vez. Pois elas engendram nas atividades doméstica / comunitária a gestão da esfera comum e dos recursos com os quais convivem, trabalham e coproduzem (Cunha, 2015; Gargallo Celentani, 2015; Federici, 2018 Valle, 2017; 2021a).

A exemplo do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Brasil, no encontro realizado em Santa Catarina em 2019, que objetivou a formação e capacitação teórico-

---

<sup>5</sup> T.L.A.

técnico-pedagógico de agricultoras / camponesas na prática agroecológica, os diálogos sobre a valorização e valoração do trabalho por elas realizados levou à compreensão do que significa a defesa de uma economia feminista camponesa. Elisiane de Fátima Jahn, Geneci Ribeiro dos Santos e Sandra Marli da Rocha Rodrigues (2020), juntamente com as companheiras do MMC, a partir de seus quintais, espaços de produção, reconhecem a economia que realizam:

Para nós, esse conceito remete a tudo o que as mulheres produzem, consomem, trocam e vendem, do pomar, da criação e cuidado dos pequenos animais, ou seja, toda produção oriunda dos quintais produtivos (MMC/SC, 2019). Compreende todos os trabalhos das mulheres, os cuidados com a casa e família, a produção de alimentos, cultivo das plantas e ervas medicinais, flores, confecções de roupas e a produção de artesanato, entre outros trabalhos, que tem valor de uso e que também tem valor monetário na maioria das vezes não contabilizado. (Jahn; Santos; Rodrigues, 2020, p. 143).

E elas complementam que o debate sobre a economia feminista camponesa perpassa os elementos simbólicos, culturais, práticos e teóricos reunidos desde as experiências ancestrais. Para lançarem os elementos fundantes da economia que elaboram e experimentam no dia a dia, elas têm de estar atentas às contradições do nosso sistema antivida que atravessam as sociedades e suas *relações-com*, tanto no meio rural e urbano, como no país e no mundo (Mies, 2014; Shiva, 2017; Federici, 2018, 2020; Mezdari et al, 2020).

Em linha com Maria Mies (2014), e com a experiência trazida neste Encontro do MMC/2019, confirmo que a reciprocidade foi / é a base da primeira economia produtiva; e, foi / é inventada pelas mulheres. Esta economia de subsistência é o pilar da vida para a maior parte das pessoas na Terra, apesar da transformação ocorrida na prática agrícola no mundo pós-Revolução Industrial, e posteriormente, reformulada na ideologia *neoextrativista* (Svampa, 2019), iniciada pós-Segunda Guerra Mundial (Shiva, 2017).

A agricultura industrial, nas palavras de Vandana Shiva (2017, p. 169)<sup>6</sup>, tem raiz no paradigma científico patriarcal, que prioriza a violência, a fragmentação do conhecimento e o pensamento mecanicista, arraigado nas ideologias bélicas. Tal paradigma promove uma monocultura mental (do que se reconhece como conhecimento), o monocultivo na terra, e nega toda sabedoria desenvolvida por seres-mulheres na agricultura que resiste e segue sendo re/criado há cinco mil anos (2017, p. 171)<sup>7</sup>. *A economia patriarcal constrói fronteiras de produção imaginárias que negam a existência de uma produção que se dá na economia da natureza e nas economias que sustentam as gentes*<sup>8</sup>(2017, p. 172).

Ademais, seguindo a narrativa de Shiva (2017, p. 173-174), o trabalho das mulheres na economia alimentar é reduzido a zero no cálculo científico da produtividade patriarcal.

---

<sup>6</sup> Tradução e adaptação livres da autora.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> T.L.A.

Hoje, com o avançar da globalização corporativa financeira imposta pelo patriarcado capitalista, a comida foi transformada em lixo, ou veneno.

Quando as corporações controlam a comida, essa deixa de ser alimento e se converte em um produto manufaturado que busca somente o benefício econômico. A comida -ou isso que as corporações chamam comida- pode ser transformada em biocombustível para o carro, alimentos para animais de granjas industrializadas e sustento para as pessoas que passam fome. Hoje em dia, algumas poucas corporações controlam o sistema global de alimentos e através desse monopólio foram deixados de lado a comida e a sabedoria; e, o trabalho, a habilidade e a criatividade das mulheres foram destruídas. (Shiva, 2017, p. 168)<sup>9</sup>

O resultado desta empreitada corporativa-capitalista para a alimentação das gentes no planeta está patente em nossos dias: fome e pobreza extrema atingem mais de três bilhões de pessoas no mundo (UNICEF-BRASIL, 2021). E a concentração desta empreitada destruidora da possibilidade de vida para, praticamente, metade da população mundial está localizada nos territórios continentais África, América Latina, América Central e Ásia. Territórios historicamente colonizados, explorados, saqueados, vilipendiados e mantenedores da concentração da riqueza, hoje, controlada por 1% dos homens mais ricos do globo terrestre (Shiva, Shiva, 2020; Chancel, Piketty, Saez, Zucman *et al*, 2021).

A economia do / para 1% está baseada na lógica colonial. É dizer, os métodos de colonização, iniciada no século XVI, permanecem os mesmos: extrair e roubar o que pertence a outros povos, ocupar e privatizar as suas terras, cobrar ‘alugueis’ aos proprietários originários e converter as pessoas deslocadas em trabalhadoras escravas (ou mão-de-obra barata<sup>10</sup>), para fornecer matéria-prima ao mercado que a converte em produtos industrializados (Shiva, Shiva, p. 16-18, 2020).

Além do mais, a apropriação dos territórios não é limitada à apropriação material, mas também simbólica. E o valor do que se convencionou chamar natureza é relativizado de acordo com o interesse utilitarista do mercado neoliberal globalizado (Santos, 2005).

[...] em benefício do capital, empresas e governos projetam uma visão eficientista dos territórios, considerando-os ou não ‘socialmente esvaziados’ à medida que contêm bens valorizados pelo capital. Em nome da ideologia do progresso, as comunidades ali instaladas parecem invisíveis, as economias regionais são desvalorizadas, ou suas crises são exacerbadas, a fim de facilitar a entrada de outros modelos de desenvolvimento que acabam se convertendo em agentes de ocupação territorial. (Svampa, 2019, p. 57).

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Neste sentido, Raj Patel e Jason Moore (2018) analisam que a história e perseguição do sistema capitalista estão, umbilicalmente, vinculados a sete coisas baratas: a natureza, o dinheiro, o trabalho, os cuidados, os alimentos, a energia e a própria vida.

Este utilitarismo sobre a vida determinado pelo mercado, avançado no atual estágio neoliberal, está construído no dualismo antagônico e hierárquico imposto às sociedades vivas. É dizer, a separação forjada no pensamento cartesiano reducionista moderno criou um sem fim de antagonismos, hierarquicamente determinados, nos quais a força / violência impõe a *não-relação-com* a contraparte instituída. E, conseqüentemente, a dominação da suposta parte oposta é a medida de todas as relações imaginadas / realizadas. Ademais, os estereótipos culturais sobre feminino e masculino, difundidos no pensamento iluminista europeu, não reconhecem – ou, se muito, marginalizam -, inúmeras relacionalidades necessárias para o bem viver da comunidade Terra. Com tal concepção cristalizada na ideia de que cada parte da relação antagoniza, compete e / ou domina a contraparte, os pares de opostos construídos e sedimentados em nossa ciência ocidental moderna, somente poderiam e geraram sistemas relacionais de guerra (Valle, 2017, 2021b; Cunha, Valle, 2022).

Chegamos, sociedade humana, a beira de um precipício (Shiva, Shiva, p. 2, 2020). Reconectar nossa relação com a natureza, entre nós humanas e humanos, e as demais espécies que convivem em nosso meio de existência demanda, a meu ver, realizarmos uma ética ecofeminista de cuidado para / com a vida. Para tanto, necessitamos compreender, primeiramente, a interdependência da vida reconhecida nos pensamentos e práticas ecofeministas. Chegamos ao ponto do não retorno, como muitas ecofeministas pronunciam em seus territórios de existência (Herrero, 2020a; Shiva, 2020; Valle, 2021a).

A ética do cuidado com / para a vida não pode estar vinculada ao utilitarismo presente na ideologia patriarcal-capitalista. A ética útil é uma *ética reacionária do cuidado*, como afirma Amaia Pérez Orozco (2017). E nem tampouco, cabe propagar que o cuidado desenvolvido e praticado por seres-mulheres em todo o mundo, é realizado por amor. Silvia Federici (2014) há muito verbaliza: o dito *trabalho por amor* é, na verdade, trabalho não pago, não reconhecido e desprezado no mundo das ideias e valores andro-antropocêntricos que são a uma só vez patriarcais-coloniais-capitalistas.

Neste sentido, repito a reivindicação do coletivo madrilenho *Precarias a la deriva* (2004):

[...] el cuidado es el centro, el motor del desarrollo social, sin él no habría vida biológica, ni vida en su más amplio sentido, que mereciera la pena ser vivida. Pero la revalorización de los cuidados, su ascenso en esa errónea escala de valores sociales en la que han sido injustamente relegados a los últimos peldaños, por debajo del dinero, claro, o del éxito social, pasa por la destrucción de ciertas mistificaciones relacionadas con la independencia, la familia y el amor. (2004, p. 243).

E ainda, em linha com Alicia Puleo (2012), não digo que são as mulheres “anjos do ecossistema”, mas sim, ressalto que, além dos dados empíricos evidenciarem a predominância majoritária das mulheres na prática ética do cuidado, também assumo que os valores e práticas discriminados, historicamente, como “femininos por natureza”, são fundamentais à *com-posição* do corpo-sociedade terrestre (2012, p. 47).

## “SOMOS O QUE COMEMOS!” – REENCANTAR O MUNDO PELA ECONOMIA DA VIDA

Trago aqui especial atenção à prática agroecológica porque evidencio no fazer diário de agricultoras / camponesas com a produção de alimentos a realização de uma ética ecofeminista de cuidado para / com a vida (Valle, 2021b). No dizer das camponesas Maria Cavalcanti, Maria Lucivanda Rodrigues da Silva, Noemi Margarida Krefta (2020), integrantes do MMC:

[...] a agricultura camponesa agroecológica tem como centralidade o cuidado com o ambiente e a amplitude das questões ambientais, compreendidas por nós como necessárias para que a vida seja plena.

Daí é que nasce e se revigora em nossas práticas cotidianas o cuidado com as nascentes e fontes de água, o uso sustentável do solo para manter o equilíbrio dos nutrientes que asseguram uma produção saudável e diversificada, livre do uso de insumos sintéticos e dos venenos que tanto agredem todas as formas de vida, poluindo as águas, o ar e o solo, envenenando e intoxicando todos os seres vivos dentre eles, nós, os seres humanos. (Cavalcanti, Silva, Krefta, 2020, p. 113-114).

E elas afirmam: “somos o que comemos!” (2020, p. 111). Realmente, o que comemos significa a primeira base geradora, ou não, do nosso desenvolvimento como humanas/os. Pois *o alimento é a moeda da vida que flui da biodiversidade do solo vivo, através de plantas e insetos, para sustentar a biodiversidade de nosso microbioma intestinal*<sup>11</sup> (Shiva, 2021, p. 7). Cérebro e intestino estão diretamente conectados em nosso organismo. Do microbioma intestinal produzimos nossos processos cognitivos. Explica a bióloga brasileira Ilana Gabanyi (2015):

O intestino é um órgão que abriga a maior concentração de células imunes do corpo e o maior número de neurônios fora do sistema nervoso central. Além das mais de 10<sup>14</sup> bactérias que vivem no trato gastrointestinal (TGI).

Por estar constantemente exposto a antígenos provenientes tanto destas bactérias quanto da nossa dieta, o intestino deve regular finamente os sistemas imune e nervoso e a interação entre estes para manter a homeostase evitando inflamações desnecessárias ou exageradas que possam danificar seu tecido.

Os neurônios presentes no intestino compõem o Sistema Nervoso Entérico (SNE), além destes, também são encontradas no tecido intestinal extensões dos sistemas nervoso autônomo simpático (SNS) e parassimpático (SNP). (2015, p. 13).

A geneticista hoconquesa Mao-Wan Ho (2013), analisa que o cérebro humano ocupa 2% do volume do nosso corpo físico e demanda 20% do total da energia que consome. O cérebro pode atingir 7 ordens de magnitude a mais do que um supercomputador, ao mesmo tempo em que executa – em paralelo – todas as atividades necessárias para

---

<sup>11</sup> T.L.A.

manter as células cerebrais vivas. Com tal compreensão Mao-Wan Ho (2013) refuta a possibilidade de cientistas colocarem o cérebro humano num supercomputador, com os 100 bilhões de neurônios que realizam 100 trilhões de conexões (sinapses) no cérebro. Ela afirma que, além das conexões entre os neurônios variarem de pessoa para pessoa, a mente humana não trabalha como um computador. Quando muito, teoricamente, a mente humana poderia funcionar num computador quântico, o que na prática não pode ser implementado. Isto porque um supercomputador não consegue lidar com o calor residual gerado pelas operações de processamento necessárias para simular o cérebro (2013, p. 31).

Ho (2013) apresenta, em resposta a tal pretensão científica, uma termodinâmica circular de organismos e sistemas sustentáveis que permitem maximizar os fluxos cíclicos, não dissipativos, ao mesmo tempo que minimiza os fluxos dissipativos, ou seja, tende à produção de entropia mínima. As atividades que produzem energia estão diretamente acopladas às que requerem energia e a direção pode ser invertida conforme a necessidade. Essa dinâmica é baseada na simbiose, na cooperação e na reciprocidade. Ho demonstra que os sistemas biodiversos são mais resistentes e produtivos (Ho, 2013, p. 47). Como no modelo de “Fazenda dos Sonhos” por ela desenhado, Mao-Wan Ho expõe que é possível ter crescimento e desenvolvimento sustentáveis num ambiente onde agricultor/a, fazendeiro/a, agricultura e criação de animais estão integradas, respeitados os ciclos vitais (composto de muitos ciclos menores) que trabalham em reciprocidade e cooperação.

Ela explica que quanto mais ciclos de vida incorporados na produção, mais energia e biomassa permanentes são armazenadas no sistema vivo. Isto gera maior produtividade na “fazenda” e maior diversidade e suporte do meio para agricultoras/es e demais trabalhadoras/es agrícolas viverem melhor. Os diferentes ciclos de vida retêm energia para o benefício de todo o sistema. E por meio da reciprocidade a energia armazenada dentro do sistema pode ser reciclada. Isto é exatamente o que acontece em um ecossistema de biodiversidade natural: os organismos maximizam as relações simbióticas recíprocas que, em última análise, beneficiam todas as espécies; e, os sistemas biodiversos têm se mostrado repetidamente mais produtivos do que a monocultura (Ho, 2013, p. 44). Neste ambiente de “sonho” há uma termodinâmica circular dos organismos que, afirma Ho: *nada mais é que a economia viva*, na qual a transformação de energia e matéria permitem aos organismos, inclusive o humano, sobreviver e prosperar (2013, p. 44).

Ou seja, Mao-Wan Ho demonstra a potencialidade da economia viva circular, presente em todo organismo. Para nossa individualidade humana, em nosso micro-organismo pessoal, necessitamos do mesmo circuito dinâmico entre as fontes de energia (alimento) consumidas, transformação da matéria e, a consequente transferência para o meio com eficiência circular para mantermos em equilíbrio o fluxo da vida. Por isso alinho-me a Vandana Shiva (2021) e afirmo: o alimento realiza a conexão entre nós, a terra e outras espécies. E a teia alimentar é tecida em cooperação e mutualidade. A

*comida é o metabolismo que conecta o ser humano com a terra, o campo e a cidade, a biodiversidade e a diversidade cultural*<sup>12</sup> (Shiva, 2021).

Em sintonia com os estudos de Mao-Wan Ho (2013) e Vandana Shiva (2017, 2021), as mulheres agricultoras / camponesas conhecem e realizam na agroecologia esse sistema circular termodinâmico dos organismos para a produção de alimentos saudáveis, com respeito à fonte d'água utilizada, ao solo trabalhado e demais espécies e nutrientes que asseguram uma produção equilibrada e diversificada. Maria Cavalcanti, Maria Lucivanda Rodrigues da Silva e Noemi Maragarida Krefat (2020), não têm dúvidas ao afirmar que:

Resgatar a alimentação saudável é continuar vivendo com saúde.  
[...]

Alimento saudável deve ser livre de agrotóxico e transgenia, respeitar a relação entre o homem e a mulher, cuidar bem da natureza, buscar a diversidade, respeitar o ciclo da cultura, pois a terra pode dar o melhor alimento para nós. (Cavalcanti, Silva, Krefat, 2020, p. 120).

Estas agricultoras confirmam que em suas práticas diárias com a produção de alimentos agroecológicos realizam, mesmo sem o afirmarem, uma ética ecofeminista de cuidado para / com a vida. Isto porque, elas engendram com a produção alimentar, técnicas de cuidado com a terra, o solo, a água, as pessoas e as demais espécies vivas coparticipantes da criação, gestão e produção da comida que, avançando no estágio individualizado da cadeia, deve chegar em nosso intestino para ativar e processar os tantos neurônios comunicantes com nosso sistema cerebral. Estas agricultoras / camponesas produzem-com e geram-com a biodiversidade por elas cuidada e trabalhada, e realizam a circularidade da economia viva necessária para alterarmos o circuito da morte prematura que atravessa às sociedades humanas e não-humanas, no atual estágio do planeta (Valle, 2021b; Mezadri et al, 2020).

E ainda, não só as pessoas são o que comem, também o são as cidades, territórios urbanos. Como argumenta e analisa a arquiteta inglesa Carolyn Steel (2020) *as cidades sempre modelaram a natureza à sua imagem e semelhança* (2020, p. 39). Ao traçar as relações estreitas entre as cidades e a alimentação, Steel afirma que a partir de 1950, a realidade dos espaços urbanos em todo o mundo sofreu drástica transformação. *Em algum momento de 2006, a população mundial passou a ser eminentemente urbana pela primeira vez* e as cidades já consumiam mais de 75% dos recursos alimentares e energéticos do planeta (2020, p. 39-40). Por isso, replico as palavras do sociólogo José Luís Fernandes e da arquiteta Nerea Morán que, ao introduzirem a versão espanhola do trabalho de Steel, ressaltam a responsabilidade das cidades assumirem a função central de ordenar / organizar a transição do paradigma industrial para a circulação da produção oriunda dos sistemas agroalimentares sustentáveis, saudáveis, socialmente justos e resilientes (2020, p. 8).

---

<sup>12</sup> T.L.A.

Incitar o reencantamento do / no mundo é uma das propostas de Silvia Federici (2020). Necessitamos de lógicas e raciocínios distintos aos impostos pelos valores e modelos antívida capitalista e andro-antropocêntrico, que determinam um sem fim de violências contra a nossa existência.

Se tudo o que sabemos e ansiamos é o que o capitalismo produziu, então não há esperança de mudança qualitativa. As sociedades que não se prepararem para reduzir o uso de tecnologia industrial enfrentarão desastres ambientais, competição por recursos cada vez mais escassos e um sentimento crescente de desespero pelo futuro do planeta e da nossa presença nele. Nesse contexto, as lutas que visam à ruralização do mundo - como, por exemplo, por meio da recuperação de terras, a liberação de rios de reservatórios, a resistência ao desmatamento e, fundamentalmente, a revalorização do trabalho reprodutivo - são cruciais para a nossa sobrevivência. São a condição para a nossa sobrevivência física, mas também para o “reencantamento” da terra, na medida em que religam o que o capitalismo separou: a nossa relação com a natureza, com as outras pessoas e com o nosso corpo, para nos permitir não apenas escapar da atração gravitacional do capitalismo, mas recuperar um senso de integridade em nossas vidas.<sup>13</sup>” (Federici, 2020, p. 268).

Assim, em linha com Federici (2020), a alimentação agroecológica nos provoca a reformarmos nossos vínculos de ser e estar, continuamente, em-relação-com. E traduz, diante da dialogicidade interdisciplinar e intraconhecimentos desenvolvida nesta análise, uma das possibilidades abertas para repensarmos nossa identidade humana vinculada à economia da vida. Pois o alimento que nos nutre e o excremento que expelimos não diz só da nossa individualidade humana, mas sim, abraça uma série de vínculos e práticas de respeito e re/produção necessários para o fluxo equilibrado da coparticipação de vidas humanas e não-humanas coexistirem no planeta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivei analisar uma política de cuidado ecofeminista intimamente relacionada com a produção do alimento agroecológica. Contrariando os valores andro-antropocêntricos que constituem a economia política capitalista atual a agroecologia permite a re/conexão da nossa humanidade à comunidade terrestre e a produção da economia da vida. Identifiquei nos conhecimentos e práticas desenvolvidos pelas agricultoras / camponesas do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil uma política ecofeminista de cuidado para /com a vida. Como analisado, essas agricultoras produzem-com e geram-com a biodiversidade trabalhada e, assim, realizam a circularidade da economia viva imprescindível para alterarmos o circuito da morte que alimenta o sistema capitalista-financeiro global.

A partir de um outro olhar sobre o alimento, nossa comida e sustento individual-coletivo, outros caminhos são traçados e desenvolvidos para mudar a rota da pobreza / miséria das gentes e da t(T)erra. Não por menos, o caráter político do cuidado e a sua

---

<sup>13</sup> T.L.A.

importância foram ressaltados pelas alternativas concretas em marcha que rompem, no fazer diário, as contradições do sistema socioeconômico e político antevisto formulado na tríade patriarcado-capitalismo-colonialismo, contemporâneo.

No trançar das ideias desenvolvidas na presente análise identifiquei uma ética ecofeminista do cuidado para a economia política da comunidade Terra. Pensar e agir sob a orientação dessa ética de cuidado ecofeminista traduz um caminho para repensarmos nossos vínculos, nossa ecodependência, bem como permite construirmos relacionamentos que possibilitam o compartilhamento da produção abundante da vida. Pois o cuidado, como desenvolvi com Teresa Cunha e Cristina del Villar-Toribio (2019), abraça as dimensões ontológica, social e epistemológica do ser, estar e fazer o mundo. Cuidar é uma forma profunda de partilhar a responsabilidade pela vida em todas as suas formas e dimensões.

Nesta perspectiva, deixo em aberta provocação à comunidade científica para ampliar o presente diálogo, não só com as epistemologias feministas, mas também com conhecimentos e práticas concretas que, cotidianamente, reinventam a sustentabilidade da vida e desafiam a falência definitiva do organismo socioeconômico planetário.

## FINANCIAMENTO

Este artigo foi escrito com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal – FCT, (SFRH/BD/140626/2018).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de; MANUEL, Rosa San Segundo, 2021. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. *Informação & Informação*, vol. 26, n. 4, 76-108.

AMIN, Samir, 2004. Globalism or Apartheid on a Global Scale? Em: Immanuel Wallerstein (Ed.). *The modern world-system in the longue durée*. Colorado-EUA: Paradigm Publishers, pp. 5-30.

ANDREUCCI, Diego; MCDONOUGH, Terrence, 2018. Capitalismo. Em: Giacomo D’Alisa, Federico Demaria; Georgos Kallis (Eds.). Sofia Ávila-Calero; Mario Pérez-Rincón (Coords. Ed. México). *Decrecimiento: Un Vocabulario para una nueva era*. Barcelona-España / México-DF: Icaria / Fundación Heinrich Boell, pp. 112-117.

CABNAL, Lorena, 2010. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. Em: *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. Madrid: ACSUR-Las Segovias, pp. 10-25.

CAVALCANTI, Maria; SILVA, Maria Lucivanda Rodrigues da e KREFTA, Noemi Margarida, 2020. Alimentação saudável: somos o que comemos! Em: Adriana Maria

Mezadri et al (Orgs.). *Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, pp. 111-122.

CHANCEL, Lucas, PIKETTY, Thomas., SAEZ, Emmanuel, ZUCMAN, Gabriel et al, 2021. *World Inequality Report 2022*. World Inequality Lab. [Acesso em 20 novembro 2021] Disponível em: [https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2021/12/Summary\\_WorldInequalityReport2022\\_English.pdf](https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2021/12/Summary_WorldInequalityReport2022_English.pdf)

CRUTZEN, Paul J. e STOEMER, Eugene F., 2000. The “Anthropocene”. *IGBP Newsletter*, 41, 17-18.

CUNHA, Teresa, 2015. *Women InPower Women. Outras economias criadas e lideradas por mulheres no Sul não-imperial*. Buenos Aires: CLACSO.

CUNHA, Teresa; VALLE, Luísa de Pinho e VILLAR-TORIBIO, Cristina del, 2019. *Cuidado. Dicionário Alice*. [Acesso em 28 janeiro 2022] Disponível em: [https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id\\_lingua=1&entry=25288](https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=25288) .

CUNHA, Teresa e VALLE, Luísa de Pinho, 2022. Uma reflexão feminista sobre a economia política da pandemia pelo novo coronavírus. Em: Ana Maria Veiga, Vânia Nara Pereira Vasconcelos e Andréa Bandeira da Silva Farias (Orgs.). *Das margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EDUFBA. No prelo.

DEL MORAL, Lucía, 2012. En transición. La epistemología y filosofía feminista de la ciencia ante los retos de un contexto de crisis multidimensional. *e-cadernos CES* [Online], 18. [Acesso em 02 março 2019]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1521>

FAO, 2014. *II. Women's contributions to agricultural production and food security: Current status and perspectives*. [Acesso em 30 maio 2021] Disponível em: <http://www.fao.org/3/x0198e/x0198e02.htm> .

FEDERICI, Silvia, 2014. *Calibán y La bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*. Trad. Verónica Hendel y Leopoldo Sebastián Touza. Madrid: Traficantes de Sueños.

FEDERICI, Silvia, 2018. *Revolución en punto cero: Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas*. Trad. Carlos Fernández Guervós y Paula Martín Ponz. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

FEDERICI, Silva, 2020. *Reencantar el mundo. El feminismo y la política de los comunes*. Trad. María Aranzazu Catalán Altuna, Carlos Fernández Guervós y Paula Martín Ponz. Madrid: Traficantes de Sueños.

GABANYI, Ilana, 2015. *Identificação de uma comunicação bidirecional entre neurônios e macrófagos intestinais via receptores  $\beta_2$  adrenérgicos*. Tese (Doutorado em patologia experimental e comparada). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo. [Acesso em 24 agosto 2021]. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10133/tde-05112015-114108/publico/ILANA\\_GABANYI\\_Original.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10133/tde-05112015-114108/publico/ILANA_GABANYI_Original.pdf)

GARGALLO CELENTANI, Francesca, 2015. *Feminismo desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América*. Ciudad de México: UACM.

- GIULIANI, Gaia, 2021. *Monsters, Catastrophes and the Anthropocene: A Postcolonial Critique*. London and New York: Routledge.
- GUHUR, Dominique e SILVA, Nívia Regina da, 2021. Agroecologia. Em: *Dicionário de Agroecologia e Educação*. Alexandre Pessoa Dias et al (Orgs.) 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, pp. 59-73.
- HARAWAY, Donna, 1988. Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist studies*, v. 14, n. 3, 575-599.
- HARAWAY, Donna, 2015. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*, vol. 6, 159-165.
- HARAWAY, Donna, 2019. *Seguir con el problema. Generar parentesco en el Chthuluceno*. Trad. Helen Torres. Bilbao-País Vasco: Consonni.
- HERRERO, Yayo, 2020a. A vida em situação de guerra: coronavírus e a crise ecológica e social. Em: *Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios*. Trad. Luiza Mançano. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, pp. 11-15.
- HERRERO, Yayo, 2020b. Economia ecológica e economia feminista: um diálogo necessário”. Em: *Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios*. Trad. Luiza Mançano. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, pp. 16-31.
- HO, Mao-Wan, 2013. Circular Thermodynamics of Organisms and Sustainable Systems. *Systems*, 1, 30-49. [Acesso em 20 agosto 2021]. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2079-8954/1/3/30>.
- JAHN, Elisiane de Fátima, SANTOS, Geneci Ribeiro dos e RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha, 2020. Economia feminista e as mulheres camponesas. Em: Adriana Maria Mezdari et al (Orgs.). *Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, pp. 133-144.
- LADANTA LASCANTA, 2017. El Faloceno: Redefinir el Antropoceno desde una mirada ecofeminista. *Revista Ecología Política*, 53, 26-33.
- MALM, Andreas e HORNBORG, Alf, 2014. The geology of mankind? A critique of the Anthropocene narrative. *The Anthropocene Review*, 1(1), 62-69.
- MEZADRI, Adriana Maria et al (Orgs.), 2020. *Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular.
- MIES, Maria, 2014. *Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour*. First published in 1986. London: Zed Books.
- MOORE, Jason, 2017. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. *The Journal of Peasants Studies*, 1-37.

PATEL, Raj e MOORE, Jason, 2018. *A história do mundo em sete coisas baratas: um guia sobre o capitalismo, a natureza e o futuro do planeta*. Trad. Alberto Gomes. Barcarena, Portugal: Presença.

PÉREZ OROZCO, Amaia, 2017. *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficante de Sueños.

PLUMWOOD, Val, 1990. *Women of the mysterious forest : women, nature and philosophy : an exploration of self and gender in relation to traditional dualisms in western culture*. Open Access Thesis: Australian National University. [Acesso em 11 março 2019]. Disponível em: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/handle/1885/123810> Acesso em 08Set2016.

PRECIARIAS A LA DERIVA, 2004. *a la deriva: por los circuitos de la precariedad feminina*. Madrid: Traficantes de Sueños-Útiles.

PULEO, Alicia H., 2012. Anjos do ecossistema? Em: Nalu Faria e Renata Moreno (Orgs.). *Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia*. Cadernos Sempreviva. São Paulo: SOF, pp. 29-50.

QUIJANO, Aníbal e WALLERSTEIN, Immanuel, 1992. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, Vol. XLIV, no. 4, 583-591.

SANTOS, Milton, 2005. O retorno do território. Em: Reforma agraria y lucha por la tierra em América Latina, territorios y movimientos sociales. *OSAL*, vol. VI, n. 16, 255-261.

SHIVA, Vandana, 2001. El mundo en el limite. Em: Will Hutton e Anthony Giddens (coords.). *El mundo en el límite: la vida en el capitalismo global*. Barcelona: Tusquets, pp. 163-186.

SHIVA, Vandana, 2013. *Making Peace with the Earth*. London: Pluto Press.

SHIVA, Vandana, 2017. *¿Quién alimenta realmente al mundo? El fracaso de la agricultura industrial y la promesa de la agroecología*. Trad. Amélia Pérez de Villar. Madrid: Capitán Swing.

SHIVA, Vandana, 2019. Development: For The 1 Per Cent. Em: Ashish Kothari et al (Eds.). *Pluriverse: A Post-Development Dictionary*. New Delhi: Tulika Books, pp. 6-8.

SHIVA; Vandana, 2020. Vandana Shiva sobre el coronavirus: de los bosques a nuestras granjas, a nuestro microbioma intestinal. *Lavaca*. [Acesso em 03 abril 2020]. Disponível em: <https://www.lavaca.org/notas/vandana-shiva-sobre-el-coronavirus-de-los-bosques-a-nuestras-granjas-a-nuestro-microbiomaintestinal/>

SHIVA, Vandana; SHIVA, Kartikey, 2020. *Oneness vs 1%: Shattering Illusions, Seeding Freedom*. Vermont, USA: Chelsea Green Publishing.

SHIVA, Vandana, 2021. The Poison Cartel is Poisoning the World, Driving Species to Extinction, and Contributing to Hunger. *Navdanya International*. [Acesso em 03 agosto 2021]. Disponível em: <https://navdanyainternational.org/pachamama-feeds-us/>

.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; SOLER MONTIEL, Marta, 2009. Del desarrollo rural a la agroecología. Hacia un cambio de paradigma. *Documentación Social. Revista de Estudios Sociales y de Sociología Aplicada*, 155, 23-39.

STEEL, Carolyn, 2020. *Ciudades hambrientas*. Madrid: Capitán Swing.

SVAMPA, Maristella, 2019. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina. Conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. Trad. Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante.

TERREBLANCHE, Christelle, 2019. Ecofeminism. Em: Ashish Kothari et al (Eds.). *Pluriverse: A Post-Development Dictionary*. New Delhi: Tulika Books, pp. 163-166.

UNICEF-BRASIL, 2021. *Relatório da ONU: ano pandêmico marcado por aumento da fome no mundo*. A África registrou o aumento mais significativo. É um momento crítico para o mundo, que precisa de ações urgentes para uma reversão até 2030. [Acesso em 27 julho 2021]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo>

.

VALLE, Luísa de Pinho, 2017. El ecofeminismo como propulsor de la expansión de la racionalidad ambiental. *Revista Ecología Política*, 54, 28-36.

VALLE, Luísa de Pinho, 2019. Ecofeminismo. *Dicionário Alice*. [Acesso em 08 abril 2020]. Disponível em: [https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id\\_lingua=1&entry=24270](https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24270) .

VALLE, Luísa de Pinho, 2021a. Ecofeminismo e *buen vivir*: dois movimentos propulsores da expansão da racionalidade ambiental. Em: Isabel Caldeira, Maria José Canelo e Gonçalo Cholant (Coords.). *Reinventar o social: movimentos e narrativas de resistência nas Américas*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 137-172.

VALLE, Luísa de Pinho, 2021b. Ecofeminismos, agroecologia e uma política de relacionalidade e cuidado. *Revista Espaço Acadêmico*, 21, 101-112.

VERNADSKY, Vladimir Ivanovich, 2007. *La Biosfera y la Noosfera: Cinco Ensayos*. Trad. Francesca Zunino. Caracas: Ediciones IVIC.

WALLERSTEIN, Immanuel, 2004. Introduction: Scholarship and Reality. Em: Immanuel Wallerstein (Ed.). *The modern world-system in the longue durée*. Colorado-EUA: Paradigm Publishers, pp. 1-2.

WALLERSTEIN, Immanuel, 1974. *O sistema mundo moderno*. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.